

Gaiato

Visto pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO VIII N.º—208
Preço 1\$00

UMA CARTA

Não sei de outra que maior alegria me haja trazido, do que esta que há dias recebemos do Ministro do Ultramar e que vem a ser uma comunicação do Governador Geral da Província de Angola. Ei-la:

«Tenho a honra de informar V. Ex.^a de que este Governo Geral tem o maior empenho em auxiliar a OBRA DA RUA do Padre Américo e, com esse fim, promoverá a colocação de todos os rapazes dela saídos que, por intermédio desse Ministério, se apresentem nesta Província.»

Nós chegamos a uma altura da Obra em que os rapazes na casa dos vinte se vão multiplicando, com tendências a subir. Muitos deles não, mas alguns são perfeitamente aptos a tomar sobre si grandes responsabilidades e, por vezes, sobem ao meu escritório a declarar o seu desejo. Eles querem ir para África. Ouvem falar. Sentem. O desconhecido chama por eles; mande-me para a nossa África. Eu oiço. Faça-lhes perguntas. Experimento; e não vou mais longe. Nem sequer prometo. Como poderia fazê-lo?

Ele é verdade que nós, até hoje, não temos experimentado grandes dificuldades em colocar os nossos rapazes. Mais. Nós somos procurados. O Comércio e a Indústria esperam por Julho, quando temos gente fresca a sair das escolas das nossas aldeias. Neste ponto, não tem havido razões de queixa. Somos felizes. Mas África é muito mais. África portuguesa, é o sítio indicado para esta classe de rapazes. É ali que eles devem dar provas e gastar a sua vida. Sim. Eu escutava a súplica. Compreendia-lhes um desejo que condizia perfeitamente com o meu, e nem sequer me atrevia a balbuciar a promessa! Se com todos é verdade, aos meus, não desejo nunca prometer o que se não pode realizar. E a carta chegou. A notícia chegou! Nesta altura da minha pobre vida, devia estar já à prova dos sucessos e dos fiascos. Devia sim senhor. Pois não. Fui para a cama e não dormi! Uma noite em claro! Clarinho! Dentro em breve conto ir a Luanda beijar a mão ao Governador da Província a quem só pela carta conheço.

O Ultramar necessita de nós e Luanda, por mais pertinho, vem primeiro. Moçambique é mais distante. A luz desta Província é emprestada. A sua maior força vem de outras gentes; J'burg, Rodésias, Niasalandia. Angola não. Angola não senhor. Ali somos

nós. Mais riqueza. Justifica-se a presença de um Lar do Gaiato em terras de Angola e parece que Deus me não quer chamar, sem primeiramente lançar o seu fundamento

É evidente que nós não podemos mandar todos os nossos; são mesmo mui poucos os capazes. Mas ainda assim, já vamos tendo. Uma coisa é certa; só se apresentarão rapazes feitos nas Casas do Gaiato. Tenho razões para supor que, ao saber-se esta notícia, não hão-de faltar os milicianos; rapazes a pedirem-me que os pinte de gaiatos. Não hão-de faltar cunhas, luvas. Tudo. Não vale a pena. É inútil. A confiança do Governo de Angola tem de ser paga com a nossa confiança.

Prenda de anos

Passava pouco das cinco da tarde, quando o Bernardino me veio dizer que estava ali um senhor. Ainda bem não e já o senhor que estava, abriu a porta e entrou. Saudou. Entregou-me uma grande carta e pede que a abra hoje sem falta. Tomei conta e disse que sim. O portador da carta queda, hesita, quereria guardar segredo, mas não teve coragem... Olhe eu vou dizer. E disse.

Tratava-se de um funcionário da Câmara, aonde um dos nossos rapazes vai todas as quinzenas; Aguas e Saneamento. Como quer que o pequenino vendedor fizesse ali constar que o dia 25 de Janeiro era o dos seus anos, logo se puzeram todos em movimento. Houve uma subscrição de perto de cem nomes. Um lindo album com dedicatória a cores. Uma fita de seda branca. Um envelope com 325\$. Enquanto eu lia os nomes e apreciava o bom gosto de tudo, Avelino entra casualmente e toma parte e descobre uma coisa de que eu nunca teria dado fé. Disse Avelino que, a julgar pelas horas em que o funcionário chegou a Cete, deve ter saído mais cedo da repartição. O que pode uma criança

(Continua na 4.ª página)

Uma hora feliz no Lar do Porto. Mais nada não; mas um caldinho bem feito e um prato de conduto, são coisas indispensáveis à obra e são alegria.

O bom seria que cada um destes rapazes ganhasse o suficiente para aquela necessidade, mas por enquanto temos de recorrer ao auxílio doutros para que nada lhes falte.



De como eu fui por aí abaixo até Lisboa

Desta vez andou o Morris, pelo caracter da viagem; inspecção às nossas casas. Foi num domingo à noitinha que saí de Paço de Sousa, tendo ido ficar ao Porto. Estavam todos; jantamos. Conversamos. Intei-rei-me de tudo. Na segunda feira à hora de almoçar, estava em S. João da Madeira. Conversamos. Intei-rei-me e larguei para Coimbra, aonde chegamos à sol posto. Não se contava. Zé Eduardo estava em casa e fez as honras até à hora do jantar. Acaçou-me um reforço da pensão. Mostrou-me um fato novo que agora tem. As horas, estavam todos. Conversamos. Intei-rei-me de tudo.

No dia seguinte, quarta feira, dirigi-me ao Sanatório de Celas, visitar a nossa doente do Barredo; a da vaca, que agora já não é. devido ao Senhor Ministro do Interior que a fez baixar à Assistencia. A vaca custou-nos a passar de dez contos! Mas nada se perdeu. A doente está melhor, tendo ido de-senganada. O Director do Sanatório disse-me, até, que nunca teve um caso assim.

Por sua vez, a doente não se cansa de gabar o serviço, o carinho, a alimentação, tudo. E chora de alegria. Porque não? E' natural. E' o fruto do Bem. Todos choram de alegria quando recebem o que lhes é dado. Também estive no Sanatório dos Covões, de visita a um dos nossos rapazes, impaciente, mas com esperança. Era meio dia, quando cheguei a Miranda. Recebeu-me Padre Horácio. Conversamos. Intei-rei-me.

Ele quis e eu fui ver as casas do Património em construção e uma já habitada. Esta é igual às de Paço de Sousa. Vive ali uma viuva e três filhos. Tem uma grande horta. O terreno foi cedido pela Câmara. Dali, dirigimo-nos a um outro terreno que a Câmara nos deu, aonde se encontram duas casas já em telha e uma nos aliterces. Para a maior delas, 4 quartos e cozinha, vem uma famí-

lia de nove, que mora actualmente numa barraca. Já avisaram o chefe, mas ele não acredita e ateima em dizer que uma tal casa não é para ele. De caminho, tive ocasião de observar o sítio aonde morava a viuva e filhos, ora devidamente instalados e um nadinha mais além, Padre Horácio pede-me para que entre e veja como vive uma velhinha, para quem está destinada uma das casas em construção. Entramos. E' uma loja sem mais nada, mais nada a não ser uma enxerga no chão e sobre ela, o corpo da doente. Uns vizinhos dão-lhe de comer por esmola. Perguntei-lhe e ela já sabe e acredita que sim. *Estou morta por sair daqui*, disse. Contou-me dos anos que tem e de como caiu naquele estado e que Deus havia de recompensar todos quantos ajudam a fazer casas para nós. Escutei e fiz meditação. Três dos nossos da Casa de Miranda, passavam, na maré, com o nosso boi a puxar a um carro de tejolo e de madeira. Aquela que ali jaz no chão, é uma pobre da conferencia deles; todas as semanas a visitam. Está a casa, está ela, estão os pequeninos vicentinos. Eu meditei, silenciosamente, nestes elementos de verdade. Fora havia lama; o caminho era tudo lama, sim, mas não impede nem suja. Caminhamos sobre ela, até chegar ao sítio. E' um pequenino outeiro. Cada casa ficará com sua horta.

Estamos na quarta feira. Tinha prometido e à tardinha estávamos no Tojal. Ali é um mundo de rapazes. Conversamos. Intei-rei-me.

No dia seguinte, enquanto faço a barba, entra no meu quarto o criadito que vai arrumar. Levava consigo um grande naco de boroa que vai rilhando enquanto faz a cama e espana o chão. Não fez caso de mim. Perguntei-lhe o nome. E' Américo. Quis saber como lhe chamam. E' o Netinho. Muito bem. Dá certo. Nas nossas casas há um só espírito. Padre Adriano não me deixou sair sem primeiro ir ver e como mora a primeira ocupante da primeira casa do Património dos Pobres, no Tojal. Ela já está feita. Fica por 20 contos. E' um grande terreno que a Câmara de Loures nos oferece. Como barraca, nunca vi coisa tão limpa. São duas, muito pequeninas. Numa, fica a cama aonde ela dorme a qual enche totalmente a superfície e agora vem o inédito: tudo primorosamente forrado de papel pardo! Na outra barraca, é a cozinha.

Despedi-me do Padre Adriano e tomei o caminho de Lisboa.

(Continua na página seguinte)

UMA CARTA DA ZAMBÉZIA ISTO É A CASA DO GAIATO

Esta carta do António Teles dirigida ao seu irmão Amadeu Mendes, é uma extraordinária revelação dos valores reais que nós deixamos perder, ou aproveitamos mal!

A carta não lhe foi ditada. O rapaz não fez rascunho. Nem ele jamais supôs, ao escrever, que ela havia de ser saboreada por cem mil portugueses!

Nós não temos escolas especiais de formação. Como disse um senhor de Viana do Castelo, ao Abel, os nossos rapazes não andam marcados. *Vós sois iguais aos nossos filhos*, disse o mesmo senhor. Nada de especial na nossa obra. De onde saem, pois, estes monumentos de beleza?! Nada. Damos liberdade de crescer. Liberdade de falar. Liberdade de agir. Franqueza. Determinação. Mais nada. E o rapaz faz-se valer. Começa a ter amor. Trata toda a gente com respeito e naturalidade. E como não anda marcado e é igual aos filhos de alguém, toma chá ao pé do seu Senhor e usa smoking nas festas do Clube! O Lixol!

O CHAMANTE

«Quando penso que a mais de treze mil quilómetros de distância, ainda é Portugal, vejo que Portugal é grande!»



«Recebi a tua carta que me deu imensa satisfação e a ela passo a responder.

Foi óptimo teres escrito por tudo e até porque o Gerente Geral me tinha perguntado se já tinhas feito o serviço militar e eu não lhe soube responder. Essa era uma das dificuldades que está resolvida por natureza.

Sobre roupa tenho a dizer-te o seguinte: Traz toda a roupa de cama que possas. Eu quando vim não trouxe nenhuma porque desconhecia tudo e quando cheguei à Beira, tive de pagar os lençóis a cento e tal escudos cada, quando aí os podia ter comprado a 30 ou 40. Não deixes portanto de trazer roupas de cama. Já não digo o mesmo, por exemplo, com os fatos brancos. É uma asneira trazer daí, visto que cá por 300 e tal escudos fazes um fato branco, além de que o que for feito aí nunca fica tão fresco como os de cá, que são feitos sem forros e em brim. Camisas de cor e manga comprida não debes trazer porque se hão-de estragar no fundo duma mala. Trouxe várias e só as usei uma ou duas vezes no inverno.

Deves trazer camisas à sport, meia manga e bolsos na frente, pois que é o usado. Se puderes traz também 1 ou 2 camisas brancas de manga comprida, para quando temos uma festa.

Com esta junto uma fotografia, em que quase não me reconheças, mas é só para veres como cá se anda. Calções e camisa sem manga, e nada mais. Finalmente podes trazer também dois ou três calções, mas isto não é muito caro cá.

Depois hás-de adquirir cá o teu smoking, para as festas no Club, etc. etc. Mas isto já vem depois. Por hoje termino sobre roupas, porque já chega.

Explicar-te o que é a África, é

As horas, ali, foram poucas e pequenas, para cumprir o programa todo, mas sujeitei-me. Eram 5 da tarde quando disse adeus ó Terreiro do Paço e seis horas depois, estava em Paço de Sousa.

coisa absolutamente impossível, para mim, visto que alguns escritores o têm tentado fazer e não o têm conseguido, com satisfação.

Mas enfim posso dar-te as minhas impressões. É de facto absolutamente diferente. Clima, paisagens, costumes, tudo é diferente.

Tem os seus quês e tem também os seus encantos. Uma das coisas que nos encanta, a nós Portugueses, é não ter a noção da distância que nos separa. Eu muitas vezes não me lembro que estou longe de vós, e isto, porque nós cá nos sentimos em nossa casa.

Mas quando penso que, a mais ou menos, 13.000 quilómetros de distância, ainda é Portugal, vejo que Portugal é grande! É uma coisa que também irás notar.

A alimentação é das coisas a que hás-de achar graça. Frutas diferentes, horas diferentes, etc. Pela manhã não se toma o cafézinho com pão, como aí.

O mata-bicho, assim se chama cá ao pequeno almoço, é composto de:—Ou um bife com batatas fritas, bacon, ou qualquer coisa do género; depois, fruta africana: papia, mangas, ata ou qualquer outra, que tu a princípio não gostarás e depois hás-de adorar. E então depois é que virá o cafézinho com leite.

As três ou quatro horas terás o teu chá, tomado no escritório, quer seja à frente do patrão ou não. Aí quando lanchava no escritório escondia-me do patrão. Cá, o patrão se precisa de mim, e eu estou a tomar o meu chá, espera que eu acabe de o fazer. E assim por diante...

Fazemos uma vida mais saudável porque a começamos mais cedo. Às 11 30 horas, aí ainda trabalhas. Cá já estás a almoçar e às 4,30 da tarde terminou o serviço para ainda irmos jogar uma partida de ténis ou qualquer outra coisa.

Perguntas me como se devem tratar os directores cá. Raramente os verás porque vivem em Londres. Mas temos o Gerente Geral,

O CHAMADO

Ele já fica sabendo pelo seu informador que deve tratar todas as pessoas com o maior respeito e naturalidade.



e ainda outras pessoas importantes.

Com estas pessoas, como de resto com todas as outras, só há uma maneira de tratar. Com o maior respeito e naturalidade. Eu pelo menos tenho feito assim e não me tenho dado mal.

E pronto por hoje vou terminar. Já te contei algumas coisas d'África, outras ainda te hei-de contar e ainda outras deixarei de te contar para melhor viveres os seus encantos quando vieres.

Para o Pai Américo, saudades mil. Diz-lhe que quem vem aos Açores também anda mais um bocadinho para vir até Moçambique. É a coisa mais simples. Ele não tem dificuldade no embarque, embora não me possa esquecer das outras que Ele tem, bem piores, mas é muito simples. Avião, três dias.

*** Ontem foi domingo. Eram nove horas quando me entram pela porta dentro o Daniel mais o Piolho. O Piolho! Vinham de S. João da Madeira. Antes de mais nada e enquanto Daniel me fala, Piolho pede licença para ir à cozinha. Foi. Pediu ó Botas e encharcou-se. Ainda Daniel me falava, quando o Piolho entra a reluzir de contente: *nós lá não temos leite.* Piolho gastou o dia em falar aqui aos seus predilectos. Fez as pazes com Júlio e Avelino. Quis entrar no escritório aonde tantas fez e disse. Perguntou qual os lucros da tipografia e do jornal. Piolho inundou.

São horas de ir embora e Piolho vem ter comigo. Quería roupa e foi por ela à senhora da rouparia; duas camisolas, um pullover, um fato. Este era soberbo. O rapaz pinchava. Eu disse tu não o mereces. Piolho toma a palavra, abre os cinco sentidos e responde com toda a alma: *mereço. Mereço sim senhor. Eu hei-de conquistar o que perdi, tenha confiança.* Eu estava e guardava. Piolho agora conta maravilhas do seu novo emprego e do seu novo patrão. Que este o traz no carro e que o guarda livros o leva na bicicleta a motor. Que vai ganhar mais dinheiro. E disse e disse e disse. E eu também digo. Eu já conheço. Eu digo aqui ós patrões do Piolho que tenham muita cautela; muita cautelinha, que ele mete-se nas costuras e é muito ruim de tirar. Nada de mimos. Deixem-no nas unhas do Carlos Inácio.

*** Temos cá outra vez o Moléstia. Eu conto: ele estava à prática no Hospital de Santo António, e muito bem, mas por não ter ainda idade de se matricular no curso de enfermagem, regressou à base, até que a tenha. Ora Moléstia reassumiu as antigas funções, agora com mais tino. O Gaia anda a ser tratado por ele de uma grande criadela. Traz o pé todo entapado, mas o doente não é da força dos que gostam da cama e reage. Ele é do refeitório dos grandes. Se os senhores por cá vierem e virem um rapaz ós saltos em roda das mesas, com tabuleiros de borca cosida, já sabem de quem se trata. É o Gaia. É um cliente do Moléstia.

*** Uma de que eu não gosto mesmo nada é do Bernardino, o meu refeiteiro. Bernardino pediu-me e eu dei licença para ele andar agora à meia cabeleira. Avental branco, risca à lado, dentes primorosos e tudo o mais. Só os pés é que não. Traz um pé calçado e outro descalço e é assim que ele se apresenta no refeitório! No mesmo refeitório e à mesma hora em que o Gaia serve ós saltos. Ora vejam os senhores como as coisas por cá se passam!

*** O Papagaio, que é um dos refeiteiros dos médios, apanhou há dias uma valente sova do Preta das casas; tal ela foi que o rapaz andou mais de quinze dias com uma grande negra no nariz! Foi muito bem feito. Eu estimei. Papagaio é um grande refilão e até, no caso do Preta, foi ele quem começou.

*** Mais Piolho. Outra vez ele. Ao saber que se ia publicar que ele, o Piolho, está empregado numa fábrica de botões, o rapaz pede-me por tudo quanto há no mundo que não. Que

Barco 20. E tudo estava resolvido desde que ele quizesse vir...

Bem; saudosos abraços para toda a malta.

Mais um forte abraço, para ti, do teu amigo muito amigo,

ANTÓNIO TELES

não ponha botões. *Ponha fábrica de matérias plásticas!* Mas eu não fiz caso e saiu mesmo botões. Pois porque não? Não usa o Piolho botões na camisa e no casaco e nas calças? Ou ele chama-lhes matéria plástica? A grandeza do Piolho! Matérias plásticas! Ora vejam!

*** Mas ele há mais Piolhice. São as doenças. Segundo me informa Carlos Inácio, de vez em quando aparece um pedido para ficar na cama até mais tarde; *estou doente.* E o Carlos Inácio manda o mas é sair da cama para fora.

Mas Piolho não se fica. Ele não desanima às primeiras. Entende-se com a senhora e vai arranjando a sua doenzinha, sobretudo quando cai geada.

Mas tudo se lhe perdoa e eu vou dizer já a razão: é que Piolho anda interessado e vai com certeza arranjando terreno suficiente e conveniente para erguer duas casas para Pobres. Vai sim senhor. Ninguém duvide.

De como foi a última venda

Abel e Hélio, os dois azes de Viana do Castelo, desta vez mal se podiam explicar, de tão confundidos. Foi uns senhores aonde jantaram. Era uma família. O Abel apresenta o cartão do chefe da casa. Hélio declara que era tudo sportinguistas e benfiquistas. Portistas nada. Hélio continua explicando que o jantar lhe foi dedicado, *por eu não ter virado a casaca*, disse. Mais declara que foi um comer atestado e que até houve creme e que ele fora convidado a servir-se em primeiro lugar, por causa da casaca, ao que eu suponho. Hélio bufava. Abel também queria dizer, mas ele opunha-se, *eu cá ainda não acabei.* Mais declara o rapaz que no fim, os senhores arranjaram um jogo das sortes e que a ele calharam 50\$00. De modo que, como os senhores estão vendo, foi um jantar atestado e ainda por cima cinquenta mil réis!

Mas há mais. Ele há mais. Os senhores deram ao Hélio um grupo dos onze sportinguistas e logo os carpinteiros da cor se propuzeram para encaixilhar e tudo isto são desmandos aqui em casa. Vamos ter mais um quadro à cabeceira da cama. Os santos, aqui, são os jogadores da bola; cada um adora os seus.

Agora entra o Abel. Este descreve as iguarias da mesa. Diz que foi batatas assadas com carne e uma sopa especial e vinho e leite creme. Que o senhor da casa lhes declarara que, por causa deles, era ali aquele jantar. Que nós, gaiatos, nos devemos dar por muito felizes porque andamos nas ruas sem marca e somos iguais aos outros rapazes. Eu digo que este senhor sabe observar e compreende: *andais nas ruas sem marca.*

Também falaram os de Guimarães. Foram eles o Bernardino de Paço de Sousa e o Fominhas do Lar do Porto. Não falta aqui vento nem poeira por causa da venda naquela cidade, isto porque um nosso amigo propõe quatro prémios ao que mais vender, sendo o primeiro um relógio de pulso! Eu já previa tempestades, agora o que ninguém havia de supor é que o maior perigo está no chefe do Lar do Porto! Este, ao ter conhecimento dos quatro valiosos prémios em disputa, declara que eles hão-de ficar nos vendedores do Porto! Os de Paço de Sousa, juram por tudo quanto há, que os prémios hão-de ser mas é para eles. Quem pode governar um povo assim?!

AQUI, LISBOA!

Estávamos um dia destes na reunião vicentina, a tratar dos interesses dos pobres, quando alguém bate à porta com insistência. Não queríamos ser importunados naquela hora, pela transcendência dos assuntos a tratar; mas, era tal urgência de quem batia, que não houve remédio senão interromper.

Era um senhor de Lisboa, que logo começou a expor o motivo que ali o trazia.

—Sei que andou ontem a percorrer um Bairro de Lisboa, talvez à procura das crianças abandonadas... De certo não reparou neste rapazinho que ali vive em triste situação.

—Não, meu senhor; não é preciso ir à procura de crianças abandonadas: são elas que vêm ter connosco e, em tal quantidade, que só lamentamos não poder acolhê-las todas.

—Desculpe. Fui mal informado, mas não haveria possibilidades de acolher mais esta?

—...?

E começou a descrever a história do costume.

Abandono do pai, uma barraca, mãe cancerosa quase cega, sem ninguém que lhe dê trabalho...

A fome, os farrapos, a rua, a vadiagem precursora do crime, etc. etc.

O pequeno ficou provisoriamente até averiguações. Quanto possível procuraremos saber da verdade, in loco.

No dia seguinte, ao preencher a ficha, o rapazinho disse mais, muito mais. E é isso que nos traz agora aqui.

Disse que não estava baptizado, que está na nossa mão remediar; disse que nunca foi à escola o que, aos treze anos, já se torna difícil remediar; disse que andava todo o dia na rua a mendigar—o que também se pretende remediar com um decreto que nós ajudamos a cumprir. Disse finalmente que conhecia o pai por esta inocente revelação: ele manda em barcos de Portugal. Como há muitos homens a mandar em barcos, ficamos a saber o mesmo; mas o que daqui se conclue, é que há quem esteja em elevada situação social a receber do Estado, (melhor: da Nação), e que deixa andar os filhos pelas ruas ao deus-dará, até que elas vão parar ao cemitério, à cadeia ou a alguma casa onde o Estado ou a caridade os sustente. Isto é que não podemos nem devemos remediar.

Pode pois calcular-se com que alvoroço nós lemos o projecto de lei de protecção à família, e seguimos as passadas que ele deu pela Câmara Corporativa e pela Assembleia Nacional e com que o alvoroço nós esperamos que seja posta em prática.

Poupar-se-ia metade do dinheiro que se gasta em Assistência se fosse para a frente a execução desta lei. Mas nós estamos já a ver posta em prática, a habilidade do nosso padreiro de treze anos. Era preciso cozer com urgência porque se estava a acabar o pão. Foram dadas ordens ao São Vicente para que peneirasse durante o recreio para adiantar. Ele foi, mas a bola andava no campo...

Na cabeça destes rapazes surge sempre solução para tudo. O padreiro encontrou a que lhe convinha: com um prego faz três furos na peneira e a farinha corre agora que é uma beleza!...

Que não haja ninguém que se lembre de abrir furos na lei, como se faz com a da assistência de menores a espectáculos.

Padre Adriano

Da que nós necessitamos

MAIS da Sociedade Comercial de Manica e Sofala, que é em Quelimane, Africa, quatro vigéssimos premiados com 360\$00. Sim senhor; Lisboa fala com 3 assinantes e 200\$00. Mais 100\$00 de Alcobaça. Mais 50\$00 de Leiria. Mais 500\$00 do Porto. Mais uma remessa de vidros da Mariinha Grande. Mais azeite de Viseu. Sim senhor; recebemos 50\$00 da Beira. Mais o dobro de Lourenço Marques. Não vem dia ao mundo que não traga selos de passarinhos!... Nem a distância, nem o clima, nem nada. O amor do próximo resiste a tudo. Mais esta cartinha de um *Leitor de «O Galato»*.

Vou enviar-lhe em vale do correio uma pequena quantia em que sou tributado pela minha consciencia a favor de todos os menos protegidos da sorte. Procurarei fazer um exame de consciencia, e apuradas as contas, se me sentir devedor não deixarei na primeira occasião de actualizar a minha contribuição.

No dia em que todos lerem por esta cartilha, serão menos frequentes os erros do homem. Mais de um amigo do Rio de Janeiro 750\$00. Mais 500\$00 numa carta silenciosa, do Porto. Mais de Marvila 150\$00 por um menino que fez 9 anos. Mais 100\$00 de algures. Mais um nosso amigo, advogado, que de vez em quando faz composições a nosso favor; desta, foi uma de cinco contos. Todos ganham. Do senhor Vitorino Pava 20\$00. Um leitor do seu jornal que me tem modificado muito, manda uma migalha—para que Deus, me conceda uma graça. Eu digo que já concedeu. Como? O leitor o diz: *tem-me modificado muito*. Quantos e quantos há que têm e não se comovem! Mais 5\$00 de vicentinos do Porto. Mais de Guimarães 20\$00 de uma aposta. Mais idem de Lisboa. Mais 50\$00 do Dundo, Africa Occidental. Mais 100\$00 da Jency para o Barredo. Mais de Lisboa, da Paris, 3 magnificas camisolas com as riscas do F. C. P.. O que aqui não foi!... Mais 100\$00 do Campo de Besteiros. Mais de Pinhanços, Seia, 500\$00 de um amigo. Mais 50\$00 de Vila Real. Mais 10 dólares da América. Mais prendas da Inglaterra. Mais de Alvega um vale. Mais 20\$00 do primeiro ordenado do meu marido. Mais 50\$00 de Lourenço Marques. Mais 20\$00 idem. Mais o pessoal do *Crédit*, pelo *Préta*, 300\$00. Os bancários são todos nossos. Banqueiros, nem por isso. Mais 100\$00 de Algures. Mais 20\$00 de uma *pecadora*. Mais 200\$00 de uma *Bra-careense*. Mais outro tanto de Valongo. Mais 50\$00. Mais 150\$00 do Sindicato dos Operários da Indústria Textil de Braga. Mais 70\$00 de Espinho. Mais de Lisboa mil e cudos para os *choramingas* das conferencias. Mais outro tanto da Companhia do Açúcar de Angola. Mais 200\$00 de Lisboa, de 2 officiais maquinistas de um navio tanque. Mais um cheque de 800\$00 de Inhambane, de um grupo de senhoras que neste canto distante de Moçambique se lembram da sua obra. Saudável lembrança, óptimo pensamento. Assim nós tenhamos a felicidade

de corresponder. Mais de Cabeçudo 20\$00. Mais açúcar de Benguela. Mais uma pancadaria de encomendas postais com toda a sorte de roupas usadas e por usar.

Mais de Lisboa um vale do correio de mil escudos. Mais 100\$ do Porto. Mais metade idem. Mais 500 angolares de *uma amiga angolana*. Nós temos necessidade de fazer e manter bons amigos, sem os quais nada podemos realizar. Os Pobres, são os nossos maiores amigos. Quem nos ajuda, é por amor deles que o faz. Mais 100\$ do Porto. Mais o Escrivão Notário da Comarca de Tete 100\$00. Por onde nós andamos! Mais do Porto, uma subscrição entre os funcionários da Caixa Geral de Depósitos, rendeu 75\$00 para medicamentos. Mais 50\$ de Figueiró, Vizeu. Mais da Junta Nacional de Produtos Pecuários 437\$30 e mais 51\$00. Mais 20\$. Mais 200\$ deixados no Lzr. Mais 50\$ idem. Mais 20\$ do Porto. Mais 78\$30 do Pessoal da Caixa Previdencia T. O. M. de Lisboa. Mais 20\$ de Casaldelo.



Visto como não me tem sido possível ir por ali, foram no meu lugar duas senhoras da casa; Hortência do Estoril e a Virgínia de Melres. Ficou a Sofia de Alcobaça. Em todas as nossas casas, vamos tendo a senhora que se pretende. E' um favor de Deus. Sem elas era impossível a vida. Digo mais; chegou o tempo em que poderíamos fundar a casa de raparigas, para raparigas, pelas raparigas. Dado que homem e mulher são iguais na sua essencia, postos os princípios, os resultados não se discutem. Digo fundariamos por causa da condição e esta não depende de nós. Está nas mãos do Governo. Se de lá vier um decreto de abolição total, nessa mesma hora metemos mãos à obra. Até aí não. Não vale a pena. Não pagaria o nosso esforço. Com as actuais facilidades de aliciamento, ficaríamos no mesmo pé da rapariga do Asilo. Nem os nossos processos, nem a nossa doutrina nem nada. A carne é fraca. A occasião faz o ladrão. Não falta quem se levante a por objecções ao decreto da abolição total. A matéria é vasta e muito complexa, mas tudo quanto seja contra a Lei de Deus, não tem fundamento. E todo aquele que pretender modificar e ensinar assim os homens, esse é um ninguém na assembleia dos Santos. Decreto cá para fora sem parágrafos nem alíneas nem reticencias, e com o auxilio do meu Deus e Senhor, nós lançamos os alicerces da obra, a fazer bem à Nação.

Deviam chegar contentes e não. As senhoras vinham tristes. Ambas são professoras, com licença ilimitada. São pessoas inteligentes. Viram. Compreenderam. Ficaram tristes. Esta sorte de tristeza faz falta no mundo. Sobre tudo no mundo dos poderosos, inteligentes e responsáveis. Esta sorte de tristeza, causar-lhes ia inquietação, noites mal dormidas, remorsos de consciencia, temor

TRIBUNA DE COIMBRA

As Casas para Pobres caminham por aqui em ritmo acelerado. Os animadores de tal movimento assim, são os pobres que as hão-de ir habitar e os obreiros que as andam a construir e a procissão a alongar-se cada vez mais com devotos. Três bens duma obra: o conforto do Pobre, o pão para aquele que o procura, o amor daquele que o dá.

Quisemos em pleno inverno fazer cinco casas. Já foi esta a grande ideia das Casas. No verão todos dão trabalho, mas no inverno... Como no inverno os pobres também necessitam de ganhar, resolvemos ampliar a construção. Quem ganha o pão dia a dia, tanto necessita no verão como no inverno; esta é a norma da justiça.

Ainda há dias chegou-se a mim um pai de oito filhos a pedir trabalho: *tenho oito filhos*. Mande-o trabalhar para as Casas.

A outra causa das casas são os futuros habitantes. Vêem-nos buscar pela mão para vermos a *toca onde nós vivemos*. Querem à força que a gente prometa logo uma casinha para eles.

Ainda hoje uma velhinha de oitenta e tantos anos, retida na cama já há tempos, e sem ninguém, a não ser os vizinhos bons, me dizia: *estou tolhidinha com tanto frio que tenho aqui apanhado; mas em indo para a casinha que v. me dá, depois lá estarei mais quentinha*. Com que esperança ela pronuncia tão doces palavras! Ela irá habitar uma casinha logo que esteja pronta.

Esta é uma faceta das construções; passemos a outra. Há dias passou um senhor por um estabelecimento de Coimbra e deixou o seguinte cartão:

«Agora

Uma Casa	12.000\$00
entrego	4.000\$00
	<hr/> 8.000\$00

Com desejos de ver pago o restante.

Um admirador da Obra.

O senhor do estabelecimento ficou abismado e perguntou o nome e quando o *admirador* não lho quis dizer ainda mais abismado ficou. De Coimbra foi o primeiro assim. Que outros o imitem.

O armazém donde gastamos cimento, pregos, ferro, vidros, ferragens e tintas para a primeira casa não quis nada e está com vontade de ajudar mais. Deus o recompense por outro lado. Dos lados de Ceira vieram 250\$00 para a fechadura de uma casa, já que não podemos dar toda. O Senhor aceita as boas vontades e até os Anjos ao anunciarem o nascimento do Salvador cantaram: *paz aos homens de boa vontade*...

Actualmente temos em Miranda uma casa habitada, duas quase prontas, uma começada e outra a começar brevemente e depois continuaremos até ao fim do mundo.

Padre Horácio

de castigos; e esta havia de produzir necessariamente na alma, grandes e frutuozas resoluções. Este seria o caminho. E como não tem sido. E como não é, eis porque nos encontramos hoje em perigosas e difíceis encruzilhadas.

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO Há dias o Zé Bolas pregou uma partida muito bem pregada mais o Carequita. Numa madrugada em que alguns dos nossos rapazes se preparavam para o trabalho das casas dos pobres. Eles eram três: o Zé Bolas, o Carequita e o Gabriel. Ora estava um bocado de bacalhau com pão em cima da mesa da cozinha que pertencia ao Gabriel. O Zé Bolas combinando com o Carequita fizeram uma boa patuscada. O Zé Bolas tirou o bacalhau que estava na mesa e disse: Gabriel olha o gato, olha o gato; este julgando que tinha sido o gato agarrou numa vassoura e correu o animal. Passado um bocado vai assim o Zé Bolas: olha o gato deixou ali o bacalhau! Quando tinha sido ele que o tinha posto no chão e apanhando-o disse: toma-o Gabriel, estava ali no chão; foi o gato que o lá deixou. Por fim vai assim o Gabriel muito arreliado: toma lá Carequita; agora todo ruído do gato é que o vou comer... O Carequita para fazer a parte que não sabia de nada tirou o bocado ruído pelo Zé Bolas e comeu. No fim o Zé Bolas: olha o gato olha o gato! e lá vai ele a correr atrás do gato inocente e assim eles lhe comeram o bacalhau sem que ele desse por ela.

CARLOS MANUEL TRINDADE

TOJAL Como os senhores devem saber, nós há muito tempo que andávamos a pedir botas de futebol. Até que enfim que conseguimos arranjar tudo. Foi o team de futebol do paquete Serpa Pinto que teve a boa lembrança de nos oferecer tudo quanto pertencia ao seu Grupo. Foram as seguintes coisas: 20 camisolas, 20 calções, 20 pares de meias, 2 bolas, caneleiras, e até fichas, cotas e cartões para sócios e jogadores! O nosso Grupo vai ficar com o mesmo nome; é o «Serpa Pinto». Assim já se pode apresentar em toda a parte.

É tudo do melhor que há, até os jogadores. O pior é quando perdem como agora aconteceu com os catraios de Vila Franca.

Nós não temos palavras com que agradecer aos amáveis rapazes do barco Serpa Pinto. Bem hajam!

*** A nossa casa tem agora 110 rapazes. Era apenas uma professora que tomava conta de todos. Mas como o trabalho era demasiado, o Senhor Ministro criou mais uma escola que já está a funcionar com um professor novo. Cada um ficou com duas classes.

O senhor professor também dá escola noturna aos homens e rapazes do Tojal. A maior parte deles são analfabetos. À noite a escola enche-se de rapazes e de homens de barba. Estão mais de 30 matriculados. Quem paga é a Casa. Para ajudar o povo do Tojal, temos agora escola noturna para rapazes; Casa de trabalho para meninas; e a Conferência para os pobres, e as casas de pobres que andam em construção.

Carlos Alberto Lopes

PORTO LOUVADO SEJA DEUS!

Só assim se poderá começar esta crónica. Foi tal a fartura com que Ele cobriu os nossos pobres no Dia de Natal, que nos encheu a todos de alegria e de jubilo.

Ele veio de tudo. De toda a parte vieram donativos em dinheiro, em roupas e em géneros com que enchemos a mesa a todos os nossos pobres.

Ele a Legião Portuguesa, que nos enviou 15 cartões para levantamento de géneros, tendo cada um: bacalhau, azeite, açúcar, arroz e batatas. Ele o Gré-

(CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA)

que faz anos! Que grande desordem na repartição da Câmara, àquela hora!

Na dedicatória vinha Pipocas. Ora eu não conheço e disse a um rapaz que o fosse chamar. Aí vem ele. É o Albertino. O Tino, como ele é conhecido por mim. O Tino que, ao ter feito o seu exame e convidado a escolher, disse-me que queria ser sempre da Casa do Gaiato; e hoje é tipógrafo. O Tino que, quando mais pequenino, procurava-me para dizer que a mãe lhe fugira e ele tinha saudades. Esta é ainda hoje a verdade! Este rapaz, bem vale a revolução daquele numeroso grupo de funcionários da Câmara, à qual eu me associei também e escrevo o meu nome e me deixo envolver pela fita de seda branca e ahoro com todos eles a desdita da pobre mãe que o abandonou!

mio dos Armazenistas de Mercaria que nos enviou 20 cartões para levantamento de géneros, tendo cada um: bacalhau, açúcar, arroz e feijão. Uma Senhora do Pinheiro Manso foi conosco na sexta-feira antes do Natal e deixou em casa dos 10 dos nossos pobres um rico bodo constituído por: bacalhau, arroz, café, massa, feijão, azeite, uma regueifa e um donativo em dinheiro. O nosso Pai Américo também andou com um fardo de bacalhau, e já não foi nada mau...

Nós também compramos 25 quilos de batatas, que juntamente com azeite, bacalhau e 106 peças de roupa, demos um segundo bodo aos nossos pobres. Demos-lhes também o dobro da esmola do costume para assim poderem comprar o pão para rabanadas. Era vê-los contentes e felizes, quando recebiam no nosso Lar, das mãos do nosso Chefe, essa consoada.

Diziam todos que ia ser o Natal mais feliz da sua vida, e que nunca entrara em sua casa, tanta fartura. A pobre do Amadeu, de lágrimas nos olhos, dizia: É milagre! Pois se ainda hoje puz esta roupa no prego é por não ter que comer! E amostra: era verdade. A data daquele dia assim o confirmava. Mas enfim. Deus não se tinha esquecido deles, nem tão pouco os nossos queridos leitores. A fartura que tiveram, assim o confirmava. Quase todos eles queriam que nós fôssemos comer as rabanadas a sua casa. A pobre do Francisco, chegou mesmo a esperar até às cinco da tarde, que eu e ele lá fôssemos. Ela tinha dito que esperava. Mas foi tudo em vão. Não pudemos ir. Eu bem tinha uma garrafeira e um bolo-rei pequenino para comemorar junto do nosso pobre o Nascimento do Menino Deus. Mas por tristeza nossa, e dela, não pudemos lá ir. Fica para o ano.

(Continua no próximo número)

Carlos Veloso da Rocha

NOTA DA QUINZENA

Vou fazer aqui referencia ao entusiasmo que reina em Vila Teixeira de Sousa acerca da nossa obra. Como toda a gente sabe, aquela vila fica situada na Província do Bié. Não querendo ficar somente em palavras, um senhor bom e amigo levantou-se, andou em roda, colheu num papel 40 nomes de outros tantos portugueses e o resultado foi de 2020 Angolares. Muito mais tinha que dizer de outros aglomerados de várias províncias Ultramarinas; tanto que não caberia no jornal. Isto significa que somos conhecidos e somos amados. Eu quizeria tirar o máximo proveito desta feliz circunstância e assim, colocar rapazes da Obra. Salvo melhor opinião, diria que a Colónia de Angola é a mais rica e a mais portuguesa de tudo quanto ainda possuímos. Há mais suor. Ninguém atribui a si o que ali está feito e todos procuram fazer mais e melhor. Sim. Gostaria de colocar ali alguns dos nossos rapazes. Mas não é fácil. Não é mesmo nada fácil. Com esta amargura no peito, escuto dos mais fortes e mais capazes, quando eles me procuram a dizer o seu sonho: *Deixe-me ir*. Eles querem Angola precisa. A Nação ganhava. Revelavam-se vocações. Consolidava-se a posse. Afastavam-se perigos. Mas não é fácil. Exemplo: em Julho do ano passado, recebemos uma carta de chamada da firma Anjeja & Macedo, de Luanda. Apresentamo-la imediatamente. O senhor Bernardino Correia ofereceu a passagem. Pois na data em que esta escrevo, o rapaz ainda não embarcou. Sirvo-me até deste meio, para comunicar à gerencia daquela Firma e pedir que não desanime. O rapaz há de embarcar. Os meus tormentos hão-de ter fim.

A gente acaba por não saber a quem dirigir-se, tantas são as Repartições que pedem documentos

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Veio cá ontem trazer doze notas de mil escudos aquele nosso amigo de Vizela, de quem se falou no último número. É uma casa. Ele quis aumentar assim o *Património*. Não foi só ele, mas a verdade é que, sem ele, a casa não chegaria aqui. Ele foi o começo; a faúlha que causou o incêndio e sem isto não há labareda. Com ele, no mesmo carro, vinham também três sócios. Talvez houvessem sido estes quatro, que deram a casa inteira. Dois são moços; são rapazes novos, filhos de um industrial daquela vila. Diria mesmo do Industrial de Vizela. Um deles de tão rapaz que é, jogou aqui a bola com os nossos. Estiveram pouco tempo. Despedimo-nos. Subi ao meu quarto com a figura daquele moço em mente e quedei a meditar.

O mundo é dos novos. Fazem falta rapazes novos, inteligentes, ricos e doridos do coração. Rapazes que se aflijam, que se interessem pela vida do seu semelhante e que façam a revolução de um bem que os torne a eles cada vez melhores; orque se eles torem bons, o mundo sê-lo-á igualmente. O mundo é dos novos. Um grande número de pais ricos, e estes por toda a parte, precisam de ser desenterrados e só os filhos o podem fazer. Quanto não pode e quando não vale um rapaz novo, com grandes possibilidades?! Já que falamos de indústria, quedemos nos grandes Industriais. Um filho a rogar humildemente, a interessar-se humildemente, a fazer ver. A trabalhar dentro da fábrica para que tudo ali seja família. O pai irá pela mão do filho. Deixa-se vencer e ao depois convence-se. É um filho; é do seu sangue. Até onde não pode chegar a boa influência de um rapaz dentro da fábrica de seu pai, na vida de relação com operários e fregueses!? O mundo é dos novos. É preciso que ele seja desta qualidade de novos. Cristo Jesus precisa deles. Sem eles não há cristianismo. Se estes rapazes o não fazem, quem é que aproveitou os méritos do Redentor?!

Eu fiquei tão triste, quando li num jornal de Guimarães, que metade dos doentes do seu hospital são tuberculosos e têm de viver no meio dos outros doentes por não haver, dizia o jornal, um pavilhão adequado! Eu fiquei triste. Primeiramente, por uma tal presença de doentes desta natureza; segundo pela falta de meios de assistência; terceiro por não haver ali ou se há, estarem quietos, os doridos de coração.

Destes, havia necessariamente de proceder a diminuição do mal. O mundo precisa dos novos.

e estes tão variados. Padre Adriem Lisboa, Padre Horácio em Coimbra e eu aqui, pouco mais temos feito do que andar com o chapéu na mão; e não sabemos quando o rapaz embarca! Garantido em Luanda por uma firma importante. Garantido na metrópole por uma obra importante. Garantido no mar por Bernardino Correia que também é um senhor importante. Pois bem. Todas estas importâncias são nada e o rapaz ainda não embarcou!

P. S., Depois desta nota recebemos a feliz comunicação da Arca-da.

Fazem falta no mundo rapazes ricos e inteligentes. Nervos da indústria. Esperança da fábrica. Semeadores da doutrina.

Também o Património dos Pobres havia de lucrar. A ideia é minha, mas eu não quero patente. Isto não é um negócio. Deixamos o campo livre a todo o homem de boa vontade. Ninguém se engana, se trabalhar para que tenha cada pobre a sua casa. Ninguém se engana. Mesmo que o pobre seja ingrato e mentiroso e não tenha amor à limpeza e tenha outros defeitos que também podem ser nossos; mesmo que isto aconteça, digo, ninguém se engana ao construir, por devoção, uma casinha para um pobre. Que falem os novos.

Agora

A primeira é uma pessoa amiga de Lisboa com 300\$00 para roupas das Casas dos Pobres. Ontem mesmo, fui pessoalmente colocar nos ombros de uma ocupante, um capindó daqueles tempos, hoje fora de moda, mas sempre muito quentinho. Fôra caía a neve! Mais 100\$00 para uma pedra. Mais 50\$ para um lençol da Maria do Espírito Santo. Vai uma pecadora com o dobro. Vai o José Neto com outro tanto. O assinante 12757 de Lisboa, resolveu e enfileira com 300\$00. Um senhor da mesma terra lembrou-se de dar uma aldraba de 20\$00. Um do Porto vai com 100\$00. Um outro da Frascoeira não quis ficar em casa e vai com igual quantia. Vem um de Coimbra, que segue a par. Mirandela vai com metade. Trofa, leva uma telha de 20\$00. Penalva do Castelo arranhou 50\$. A Laura, leva uma dobradiça de 20\$00. Da Ribeira Brava, que é nos Açores, enfileira um sacerdote com 100\$00. Da Ponte da Pedra levamos uma dobradiça de 50\$. Coimbra, uma pedrinha de 20\$00. O assinante 10348 tendo ouvido falar desta procissão, não se segurou e vai aqui com 100\$00. É um Engenheiro. Precisamos de engenheiros, no caso de se tornar necessário abrir caminhos ou fazer pontes! Mais da América 15 dólares; é o José Maria.

Agora peço o favor de abrir alas e prestar atenção a esta bandeira:

«No nosso 12 aniversário de casamento e graças a Deus com 7 filhos, aqui juntamos a nossa 1.ª prestação para uma Casa do Património dos Pobres.»

Foi-se a contar e a prestação é de 6 contos,—metade. Era uma das infinitas cartas deixadas no Espelho da Moda. Notem o plural. A primeira pessoa do plural. Dois num. A Graça do sacramento do matrimónio, causa esta beleza! Aqui mesmo ao pé, vai mais uma comemoração de igual beleza:

«Comemorando a passagem do 11.º mês de casados, enviamos 70 escudos.»

São de Lisboa; é a Maria e o José. Ao lado, segue Portimão com 50\$00. E a seguir vai Argoncilhe com 100\$ do meu primeiro vencimento e Lisboa com 95\$90 proveniente de um aumento de vencimento. Isto não se argumenta nem se discute!

Ficamos hoje à distância de 862 contos, levando em conta os 4 contos que deram ao P.º Horácio.